



RESISTÊNCIA ENCELADA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIADOS DE PAREDES DE UM PRESÍDIO

GABRIELA COELHO NUNES; LUCIANA IOST VINHAS

*Universidade Federal de Pelotas – gcoelhon@outlook.com
Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O funcionamento do sistema penal brasileiro revela problemas complexos da sociedade. A Lei de Execução Penal BRASIL (1984) não se cumpre na prática e falha em um dos seus principais objetivos, que seria a tentativa de ressocialização. Além disso, o próprio sistema judiciário, além de não dar conta da demanda de processos, acaba sendo seletivo na disposição das penas, causando, assim, desigualdade social ainda maior. De acordo com BORGES (2018), o Brasil vive um encarceramento em massa, e, assim, segue fortificando e mantendo as desigualdades sociais baseadas na hierarquia racial, tendo como alvo principal os jovens. Além disso, temos um sistema sobrecarregado, que abriga nele indivíduos que são submetidos a condições desumanas de tratamento e que fere a integridade dos apenados, os quais perdem, além da liberdade, o direito à saúde e à vida digna no cárcere.

O presente artigo busca suscitar questões sobre o funcionamento do sistema carcerário brasileiro e, através da Análise de Discurso pecheuxiana, objetiva abordar o processo de produção e circulação de sentidos a partir das formulações analisadas. Para tal, serão observadas as paredes do antigo presídio de Ahú, localizado em Curitiba/PR, que, contendo textos nelas registrados pelos apenados, servirão de base material para as análises. Através das escritas nas paredes, haverá a tentativa de compreender mais sobre o processo de coerção pelo qual passam os considerados transgressores da lei dentro do sistema penal.

Sabe-se que é neste espaço chamado de “corretivo” que, na maior parte das vezes, é promovida a marginalização dos indivíduos. Por isso, vamos nos ocupar em entender e aprofundar cada vez mais essa questão; afinal, a prisão, ao contrário do que muitos pensam, é parte crucial de nossa sociedade e não está fora dela. A segregação desses indivíduos por parte da sociedade vem mostrando que, mais do que falho, o sistema prisional não garante a segurança dos cidadãos em situação de liberdade, pois a criminalidade cada vez mais sobe.

Como fundamentação teórica, trazemos a discussão sobre a Análise de Discurso e o sistema carcerário brasileiro. Elementos referentes ao sistema penal, como a superlotação do complexo prisional, são importantíssimos para o entendimento do problema. Adentrando a teoria, conceitos básicos são necessários para que haja compreensão da tentativa de explicitação das relações existentes entre ideologia e inconsciente, afinal, tudo o que dizemos já vem carregado de história e sentido. Quando pensamos nas relações entre ideologia e inconsciente, estamos nos referindo ao fato de que somos sujeitos interpelados pela ideologia e somos dotados de inconsciente.

Para a Análise de Discurso (AD), língua e ideologia são pontos valiosos, pois, de acordo com ORLANDI (2005), surge uma definição discursiva de ideologia, que mostra não haver sentido sem interpretação, ou seja, a AD



assegura a existência da ideologia constituindo o que dizemos. Podemos declarar, então, que a ideologia constitui os sujeitos e os sentidos. A autora diz que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” ORLANDI (2005). Portanto, para que haja sentido, é necessária a língua como sistema sintático disposto a equívocos e falhas. A formação discursiva é, de acordo com a autora, o que nos permite compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia, ou seja, ela define aquilo que o sujeito pode e deve dizer a partir da posição ideológica que ocupa. A materialidade linguística é um ponto fundamental para Análise de Discurso, pois é a base material do processo analítico e materializa a ideologia. Para ORLANDI (2005), o analista observa tais pontos: como se diz, quem diz e em que circunstâncias, e, assim, vai compreendendo o modo como o discurso se materializa.

2. METODOLOGIA

Nosso trabalho no campo da Análise de Discurso surgiu junto à ideia de estudarmos o sistema penitenciário brasileiro. A partir de coleta realizada a partir do site Gazeta do Povo, no qual foi publicada reportagem sobre o Presídio de Ahu, encontramos imagens dos registros nas paredes. A partir dessas imagens, elencamos dois enunciados para constituírem nosso corpus. Como na Análise de Discurso partimos de um arquivo, ou seja, do conjunto de documentos encontrados, recortamos o arquivo até chegar ao objeto de pesquisa selecionado, ou melhor, o corpus.

Ao analisarmos o corpus, podemos identificar a presença da negação como marca linguística de excesso, o que nos conduz a uma reflexão do movimento discursivo que acontece a partir da materialidade. É importante dizer que, para a Análise de Discurso, o que importa é fazer uma análise vertical, calcada em um batimento entre teoria e análise; afinal, o movimento que ocorre durante as análises é em espiral, nunca volta ao mesmo lugar, e os sentidos nunca são os mesmos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo vem suscitar debates para além da questão prisional, consequência da análise da materialidade linguística que estamos trabalhando. A materialidade está presente nas paredes do presídio de Ahu, realizadas de maneira semelhante ao picho, o que nos fez relacioná-las à pichação. No entanto, a pichação é caracterizada como uma forma de manifestação, tendo como principal aspecto seus diferentes sinais gráficos marcados no corpo da cidade, o que traz uma diferença com relação aos enunciados das paredes dos presídios.

Como efeito desta primeira análise, podemos perceber as semelhanças entre a materialidade linguística em questão e a pichação; porém, sentimos a necessidade de criarmos um conceito para este ato, que ainda está em andamento, pois, mesmo ambas se caracterizando como uma espécie de resistência ORLANDI (2007), quando dentro das celas entendemos que a resistência pode ser manifestada de outra forma.

Selecionamos dois enunciados para manifestar nossa reflexão acerca dos mesmos. No primeiro enunciado temos:

(SD01) “Soldado que sorri na guerra não chora em velório”.



Percebemos que o período acima é um período composto por subordinação. A oração “que sorri na guerra” se trata de uma oração subordinada adjetiva restritiva, pois funciona como adjunto adnominal, restringindo o significado do antecedente. No segundo enunciado temos:

(SD02) “Quem inventou a distância não conheceu a saudade”.

Compreendemos que a oração “quem inventou a distância” uma oração subordinada substantiva subjetiva, exercendo função de sujeito da oração principal. Percebemos também a presença da negação em ambos enunciados, o que nos leva a pensar na questão da resistência. Trata-se da resistência ao próprio cárcere, o que podemos relacionar com o ato de escrevê-las na parede, que ainda chamamos de pichação. Para além desta relação, para INDURSKY (2013), quando enunciados ocorrem de maneira negativa, podem ocorrer também enunciados com origem de outros discursos, pois a autora afirma que, quando um sujeito produz um discurso, a partir do lugar discursivo que assume, ele o realiza de maneira afirmativa, portanto, a negação “é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outro discurso” INDURSKY (2013). Sendo assim, podemos concluir, por enquanto, que os indivíduos em privação de liberdade podem ser afetados por mais de uma formação discursiva, sendo a negação uma marca da divisão da subjetividade na língua.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho levanta questões sobre o sistema penitenciário brasileiro, ou seja, sobre as condições de sobrevivência do indivíduo preso, e, por se tratar de um trabalho neste campo, são realizadas reflexões acerca da língua, do sujeito e do processo ideológico pelo qual somos interpelados e o que envolve essas instâncias dentro da linguagem. Como contribuição para a reflexão no âmbito da Análise de Discurso, inovação para este trabalho, empreenderemos a elaboração de um novo conceito acerca dos enunciados realizados dentro do presídio, que são forma de expressão e resistência dos apenados, pois, a partir das análises, percebemos a importância de o indivíduo preso se manifestar. As materialidades nos revelam a falta de diálogo e expressão vivenciada por eles.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, J. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora Letramento, 2018.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes.** Campinas: editora da Unicamp, 2013.

BRASIL. **Lei de Execução Penal.** Brasília: 11 de julho de 1984.

ORLANDI, E. P. **Princípios e procedimentos.** Campinas. São Paulo: Pontes. 6ª edição, 2005.

ORLANDI, E. P. **O Sujeito Discursivo Contemporâneo.** São Paulo: editora da Unicamp, 2007.